

Reunidos em 15 de março de 2018, nós, membros do Conselho Municipal de Educação de Belo Horizonte, que tem como função assegurar o direito de participação de todos os interessados em melhorar a educação ofertada às crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos de nossa cidade, vimos a público manifestar nossa **indignação** com o assassinato de mais uma mulher, negra, militante pelos Direitos Humanos, moradora de periferia; manifestar nossa **solidariedade** com os parentes e amigos que foram privados de sua presença física e manifestar nosso **pleito** pelo cessar fogo na guerra causada no confronto entre organizações criminosas e a violência de um Estado que nega, entre outros direitos, a Educação de Qualidade Social aos seus cidadãos.

Nos solidarizamos e enlutamos também pelo trabalhador assassinado, enquanto fazia “um bico” para complementar sua renda familiar afetada pelo corte de verbas na Educação, aprofundado pela Emenda Constituição 95/2016, corte este que deixou sua esposa sem salário e que agora a faz estar sem o companheiro e seus filhos sem o pai.

Estamos em luto pela desumanização que o atual momento político brasileiro vem aprofundando e recrudescendo. Nos perguntamos até quando serão sufocados a poesia, a esperança, a alegria de viver, a perspectiva de futuro que estavam nos olhos e nas ações da mulher, negra, periférica que foi assassinada por lutar pelo Fim do Genocídio do Povo Negro; pelo Fim do Genocídio dos Povos Indígenas; pelos Direitos Humanos; pela Manutenção dos Direitos Conquistados Pelos Trabalhadores; pela Vida das Pessoas LGBT e pelo Fim da Violência de Gênero.

A mulher, negra, periférica que foi assassinada soma aos dados de UMA mulher vítima de violência física a cada 7 segundos; de TREZE mulheres mortas, por dia, vítimas de feminicídio (mortas porque são mulheres); de OITOCENTAS MIL denúncias anuais feitas para a Central de Atendimento à Mulher do 180; ao fato de somente DEZ parlamentares a cada cem serem mulheres, enfim, fortalece que precisamos continuar a nos contrapor ao

sistema de opressão que se faz presente na política genocida que pretende, por artifícios de legislação, nos impedir de prever a educação para as relações de gênero; para as relações étnico-raciais, para o reconhecimento das Diversidades; para o combate às Desigualdades em nossos pareceres, em nossas normatizações, enfim, em nossas ações como conselheiras e conselheiros, ao assumirmos nossa função deliberativa, normativa, consultiva e fiscalizadora.

O assassinato da mulher, negra, periférica tem como objetivo nos intimidar. A morte dela nos atinge, afetiva, individual e coletivamente e isto nos fortalece para dizer que nossa resposta é unânime: Não nos intimidaremos em reverência aos que vieram antes de nós!

Este ato brutal significa um ataque e uma afronta aos Direitos Humanos pelos quais resistimos na defesa da formação plena para todos os educandos e educandas do Sistema municipal de Ensino de Belo Horizonte.

Marielle Franco, PRESENTE!

Anderson Pedro Gomes, PRESENTE!

Conselho Municipal de Educação de Belo Horizonte